

TEATRO E SOCIEDADE: O COLETIVO ALFENIM E A CRÍTICA SOCIAL EM MEMÓRIAS DE UM CÃO

Larissa Ortega (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Alexandre Villibor Flory (Orientador). E-mail: avflory@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Linguística, Letras e Artes / Teoria literárias.

Palavras-chave: Teatro épico-dialético; Adaptação machadiana; crítica social.

RESUMO

O presente estudo analisa a montagem intitulada *Memórias de um Cão*, do Coletivo de Teatro Alfenim, ressaltando sua contribuição à renovação estética e política para o teatro brasileiro por meio da adaptação de romances machadianos. O objetivo central é compreender como estratégias cênicas inspiradas no teatro épico-dialético – incluindo fragmentação narrativa, música ao vivo e o emprego do grotesco e do ridículo – transmutam temas das obras clássicas para promover crítica social no contexto contemporâneo. A pesquisa, de caráter qualitativo e analítico, utiliza levantamento bibliográfico, análise de encenações e confronto teórico-prático com material do grupo. Os resultados indicam que o distanciamento e a dramaturgia coletiva do Alfenim operam na formação de espectadores críticos, articulando dimensões ética, estética e política, e reposicionando a tradição machadiana no debate sobre o papel social do teatro atualmente. Conclui-se que, ao adaptar Machado por meio de procedimentos inovadores, a companhia reafirma a centralidade do teatro como espaço de resistência simbólica, reflexão e transformação social, evidenciando a capacidade do teatro de reinscrever o passado criticamente no presente.

INTRODUÇÃO

O teatro brasileiro, enquanto manifestação artística e política, enfrenta o desafio histórico da marginalização nos estudos literários. O Coletivo Alfenim destaca-se ao estabelecer vínculos com a tradição do teatro épico-dialético por meio de uma proposta colaborativa e engajada socialmente. Ao fazê-lo, o teatro épico, segundo Rosenfeld (1996), possibilita que conflitos coletivos e históricos ganhem expressão artística. Essa perspectiva é relevante para que o teatro seja percebido como parte da luta contra a opressão, por meio de técnicas de distanciamento, como a criação de instâncias narrativas, desenvolvidas por Brecht (1995).

Em *Memórias de um Cão*, o grupo adapta os romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, ambos de Machado de Assis, que expandem dilemas filosóficos e éticos ao revisitar o olhar animal sobre o humano. A encenação

incorpora técnicas brechtianas de distanciamento e recursos do grotesco, promovendo reflexões sobre exclusão social e atualizando temas clássicos para o debate contemporâneo. Fundamentado nos aportes teóricos de Brecht, Rosenfeld, Costa e Flory, o estudo examina como o Alfenim propõe novas formas de representação e participação do público, articulando memória, ética e estética.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa apresenta abordagem qualitativa, descritivo-analítica, com os seguintes procedimentos: levantamento bibliográfico e teórico sobre teatro épico-dialético, adaptação de clássicos e dramaturgia coletiva; análise da montagem *Memórias de um Cão* a partir de registros audiovisuais, do roteiro, de anotações do dramaturgo e de entrevistas com integrantes do coletivo; discussão crítica guiada por princípios do materialismo histórico-dialético e da teoria estética contemporânea. As categorias de análise privilegiam o diálogo intersemiótico com *Machado de Assis*, o emprego de estratégias de distanciamento, e o papel do grotesco e do ridículo na problematização da cena e na formação crítica do espectador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A encenação de *Memórias de um Cão* pelo Coletivo Alfenim evidencia a potência crítica do teatro épico-dialético na cena contemporânea brasileira. A escolha do cão como narrador desloca o ponto de vista tradicional e permite uma análise crítica das contradições sociais, conforme discutido por Flory (2017), ao propor uma perspectiva marginal e ao mesmo tempo crítica. A metáfora do cão confere singularidade narrativa e atua como instância de julgamento, revelando, de fora, mecanismos de exclusão e violência normalizados na sociedade.

Na construção do personagem-narrador, o grupo utiliza técnicas brechtianas de distanciamento, incluindo gestualidade exagerada, máscaras, fragmentação narrativa e interação direta com o público. Essas estratégias transformam o espectador em agente reflexivo, confrontando-o com as contradições humanas e injustiças históricas, como desigualdade social, racismo e falha moral, temas centrais nos estudos machadianos de Schwarz (2000). O efeito dessas escolhas cênicas pode ser exemplificado na fala do cão: “*Mas que importa a razão de vocês se, no mundo dos homens, até as desculpas carregam dentes?*” (*Memórias de um Cão*, roteiro, Alfenim).

Outro momento emblemático ocorre quando o narrador interage diretamente com a plateia, questionando-a moralmente: “*E vocês, que julgais com tanta certeza, que fariam se estivessem no meu lugar?*” (*Memórias de um Cão*, roteiro, Alfenim). Essa passagem reforça a função do distanciamento brechtiano, convidando o público a refletir sobre sua própria ética e sobre a aplicação da justiça em contextos de opressão, tornando a experiência teatral uma arena de reflexão coletiva e crítica social.

A dramaturgia coletiva do Alfenim, detalhada nos cadernos de apontamentos de

Marciano, Cabral e Coelho e analisada por Paes (2018), permite que vozes historicamente silenciadas ganhem visibilidade estética e ética, reinscrevendo a memória social como processo dialético. A pesquisa do grupo não visa apenas representar o passado, mas reinscrevê-lo criticamente no presente, iluminando sua permanência nas estruturas sociais e políticas contemporâneas.

Ao costurar acontecimentos históricos com uma perspectiva atual, o Coletivo Alfenim promove uma revisão das narrativas hegemônicas, expondo as fraturas do discurso oficial e valorizando os olhares de sujeitos subalternizados. O passado, nesse processo, não é reconstituído como totalidade fechada, mas como um processo instável, sempre atravessado pelas urgências do presente. É nesse movimento que se revela a potência política da memória, não como evocação nostálgica, mas como ferramenta crítica de leitura do tempo histórico. Essa releitura crítica permite que a encenação dialogue com períodos de ruptura política, como o AI-5 em 1968 e o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, evidenciando como o teatro transfigura experiências históricas em instrumentos de reflexão sobre a persistência das injustiças sociais.

Em suma, a perspectiva do cão enquanto mediador e narrador não só reinterpreta Machado de Assis sob a ótica contemporânea, como evidencia a força do teatro como instrumento de análise social, engajamento ético e renovação estética, consolidando a importância do Coletivo Alfenim na tradição do teatro épico-dialético brasileiro (Costa, 2012; Pasta Jr., 2017). A interação com a plateia, somada à voz narrativa do cão, amplia a experiência crítica, tornando a encenação uma instância de reflexão sobre passado, presente e possibilidades futuras de justiça social.

CONCLUSÕES

A abordagem dialética e colaborativa do Coletivo Alfenim em *Memórias de um Cão* reafirma a atualidade dos romances de Machado de Assis, ao iluminar e dar expressão às tensões centrais da sociedade brasileira, revelando como os conflitos sociais, morais e éticos do passado encontram ressonância nas estruturas contemporâneas. Tanto a dramaturgia composta pelo Alfenim quanto o espetáculo evidenciam que o teatro pode – e deve – funcionar como espaço de resistência simbólica e de formação reflexiva, propiciando não apenas o entretenimento, mas também a problematização crítica das relações humanas e das injustiças históricas. Além disso, funciona como uma maneira de perceber como os clássicos não devem ser tomados por seu valor de face, ou seja, por sua suposta força metafísica e fora da história, mas justamente por serem expressão de questões e contradições ainda não superadas, que precisam ser revisitadas e repostas, contra a força apaziguadora da domesticação normativa que alcança as obras de grande disseminação. Machado de Assis é, certamente, um autor que merece ser continuamente enfrentado, inclusive por recriações artísticas que pretendam olhar para a atualidade das questões esteticamente formuladas.

Por meio de estratégias cênicas que articulam distanciamento, grotesco e interação com o público, o grupo possibilita novas leituras do passado e do presente, consolidando-se como referência nacional na interseção entre arte, política e

educação histórica. A peça confirma que o estudo do passado não se reduz à sua historicidade formal ou cronológica; ao contrário, ele se reinventa e adquire potência política e estética ao ser mediado pela experiência sensível e crítica do espectador, tornando visíveis continuidades e rupturas sociais.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq-FA-UEM.
Ao orientador deste PIBIC, Alexandre Villibor Flory.

REFERÊNCIAS

BRECHT, B. **Teoria e prática do teatro épico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

COLETIVO DE TEATRO ALFENIM. **Memórias de um Cão**. João Pessoa, PB: Coletivo de Teatro Alfenim, 2015. Espetáculo teatral. Disponível em: <https://coletivoalfenim.com.br/espetaculos/memorias-de-um-cao>. Acesso em: 22 ago. 2025.

COSTA, I. C. **Nem uma lágrima**: teatro épico em perspectiva dialética. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FLORY, A. V. Memórias de um cão: a força da dialética em cena. In: CABRAL, A.; MARCIANO, M.; COELHO, P. (Orgs.) **Memórias de um cão**: caderno de apontamentos. João Pessoa: Coletivo de Teatro Alfenim, 2017. p. 15-42.

PAES, L. S. A. **Por uma forma brasileira**: alegoria e história no Coletivo de Teatro Alfenim. Dissertação defendida no PLE – Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM - Universidade Estadual de Maringá. 2018.

PASTA JR., J. A. Dialética do Alfenim: nota crítica e teórica. In: CABRAL, A.; MARCIANO, M.; COELHO, P. (Orgs.) **Memórias de um cão**: caderno de apontamentos. João Pessoa: Coletivo de Teatro Alfenim, 2017. p. 44-53.

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 5ª. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.